

GRANATO, F. *Nas trilhas do Rosa: uma viagem pelos caminhos de Grande sertão: veredas*. Fotos de W. Firmo. São Paulo, Scritta, 1996. 106p.

Certamente movido pela paixão que a obra de Guimarães Rosa desperta em tantos de nós, brasileiros, e também em leitores não brasileiros, o jornalista Fernando Granato procurou seguir, quarenta e três anos depois, os caminhos percorridos pelo escritor, no interior mineiro, em 1952. Naquele ano, indo da fazenda da Sirga, à margem direita do médio São Francisco, na região de Três Marias, até perto de Araçaí na Estrada de Ferro Central do Brasil, o autor de *Sagarana* acompanhou a boiada chefiada por Manuelzão. De acordo com Álvares da Silva, jornalista que realizou, no mesmo ano, reportagem sobre a comitiva à qual se juntou no final da jornada, o percurso compreendeu 40 léguas ou 240 quilômetros. Essa matéria deu início à propaganda em torno de tais andanças rosianas.

Com ilustrações de translúcidas fotos em preto-e-branco de Walter Firmo, Granato relata a sua viagem de Andrequicé a Araçaí. Refazendo o trajeto mencionado, passa pelos lugares onde Guimarães Rosa esteve acompanhando a boiada. Como guia, Granato apóia-se nas informações deixadas pelo escritor em diário de viagem pertencente ao Arquivo João Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros.

O jornalista procura, em cada ponto em que a comitiva anterior havia parado, pessoas que tenham o que contar sobre aquela experiência. A grande figura nesse caso, como não poderia deixar de ser, é Manuelzão. Toda a publicidade que se fez - e se continua a fazer - em torno daquele evento que envolve o escritor, transformou a vida desse sertanejo de tal modo que ele é hoje mais uma personagem da famosa viagem com Guimarães Rosa, do que um vaqueiro com passado certamente muito mais rico que o episódio conhecido pelo público. Seja como for, é a ele que Granato recorre e, por isso, inicia sua viagem em Andrequicé. Outros estudiosos e pesquisadores, isoladamente ou em grupo, em geral recebendo a bênção de Manuelzão, têm reproduzido o percurso, já tornado espaço mítico para certos aficionados de Guimarães Rosa.

Granato, apesar das circunstâncias em que encontra Manuelzão - no momento do enterro do filho mais novo do ex-vaqueiro - ouve-o falar sobre a viagem de tantas décadas atrás. Da relação Guimarães Rosa/Manuelzão ficou, para o sertanejo, o engano que cometeu ao pressupor que o escritor não conseguiria agüentar o puxado da boiada. Além disso, o que ainda chama a atenção de Manuelzão são os pedidos de Guimarães Rosa que têm a ver diretamente com o que interessa ao estudioso ou ao apreciador de sua obra: a presença de contadores de histórias e de cantador de viola, bem como a premência de ser informado sobre denominações de pássaros, por exemplo, e de receber esclarecimentos sobre fatos da natureza, como o motivo pelo qual um capim é mais verdinho que o outro.

Outras "personagens" da viagem e das "cadernetas" de Guimarães Rosa com que Granato teve contato profícuo são Bindóia e Zito. O primeiro, Raimundo Ferreira do Nascimento, trovador, repete os versos que Guimarães Rosa registrou durante a viagem e lembra histórias de vacas, bezerros e de mulheres, contadas pelos vaqueiros ao escritor. Zito era poeta, cozinheiro e ainda o guia da comitiva. Também relembra fatos da viagem.

A disposição de Granato de consultar o material do Arquivo Guimarães Rosa no IEB é digna de louvor. Aí situa-se, todavia, um dos problemas maiores que vemos no livro. O autor refere-se sempre às cadernetas de Rosa, tão famosas quanto a viagem de 52. Granato assegura: "As cadernetas, cheirando a carne seca e suor de cavalo, como ele [Guimarães Rosa] mesmo disse, trazem a letra de médico do escritor e fazem parte hoje do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo (USP)." (p. 24). Ocorre que o Arquivo do escritor conserva uma única caderneta dessa viagem, com algumas folhas preenchidas com anotações correspondentes ao término da jornada. Granato transcreve trechos do diário de Guimarães Rosa, referindo-se sempre às cadernetas como sua fonte. Na verdade, suas citações partem de uma versão datilografada, feita, ao que tudo indica, pelo próprio escritor.

As transcrições constituem também um problema. Na primeira delas, da página 25 à página 28, há mais de vinte diferenças entre os dois textos, contando-se a supressão, não anunciada, de linhas, acréscimo de palavras, modificações na pontuação, na ortografia etc. Por exemplo, no início, lê-se, no texto do Arquivo, "[...] um deles, Santana, conta." Granato escreve: "[...] um deles, Santana, conta o gado." Onde está "fieira" em Guimarães Rosa, encontra-se "fileira" no livro de que tratamos. A expressão "laranjo em branco" de Guimarães Rosa vira "laranja e branco". A palavra "capuz", o escritor mineiro grafa com "z"; Granato prefere a forma "capus".

Embora, como diga Hugo Almeida na primeira orelha do volume, não se deva esperar estudo erudito no trabalho em pauta, alguns cuidados são necessários.

Outro ponto a ser contestado no livro é a estreita ligação que o jornalista supõe haver entre a obra rosiana e o que a viagem de décadas atrás comportou, como o encontro com determinadas pessoas e a passagem por certos lugares que, a seu ver, passam a ser personagens e espaços de *Grande sertão: veredas* e de *Corpo de baile*. Tratando, por exemplo, da Fazenda Santa Catarina, visitada em 1952, Granato diz: "Foi nessa fazenda que o personagem Riobaldo encontrou Otacília [...]" (p. 52) A relação entre arte e "realidade" não se dá dessa maneira. Arte é criação; no mínimo, é representação. A Santa Catarina de *Grande sertão: veredas* é espaço estético-literário cuja inspiração - jamais saberemos em que medida - com certeza tem a ver com aquele espaço geográfico. Mesmo a Santa Catarina do diário de viagem ou da "caderneta", como quer Granato, já não é aquela fazenda geograficamente situada. Componentes cognitivo-emocionais e a visão estética do escritor mineiro permeiam toda a construção lingüística dos registros. Fica assim comprometido o subtítulo do livro - "uma viagem pelos caminhos de *Grande sertão: veredas*".

É também muito problemática a identificação pessoa-personagem. Para o jornalista, Manuelzão é o protagonista de "Uma estória de amor". Guimarães Rosa pode ter emprestado ao protagonista da novela o nome e alguns traços do vaqueiro, mas Manuelzão, ex-chefe de boiada, **não** é a personagem. Do mesmo modo, cabe observar que a saga da construção da capelinha, pelo boiadeiro que viajou com Guimarães Rosa, não é o tema de "Uma estória de amor". Essa visão ingênua das relações arte-"realidade" reproduz-se no seguinte fragmento: "Nilson [filho de Manuelzão], também personagem de Guimarães Rosa, teve o nome trocado para Adelço no conto 'Uma estória de amor'". (p. 12-3) Se essas relações pudessem ser consideradas como o são no livro de Granato e se isso tivesse alguma importância para o entendimento da obra literária, lembraríamos que Nilson tinha nove anos no momento da viagem de Guimarães Rosa - conforme nos informa o próprio Granato - e a personagem dessa novela de *Corpo de baile* é adulta. Mesmo como fonte de inspiração, de que modo um menino poderia ser impulso para a criação de uma personagem que é solteiro pai de família, marido ciumento, desconsiderado pelo próprio pai?

As considerações acima são resultado de leitura interessada do trabalho de Granato e têm o intuito de lembrar determinadas cautelas a serem tomadas no trato com a obra de arte.

O relato em questão, resultado da aproximação sensível de um mundo distante do leitor urbano, bem como as belas e diáfanas fotos de Walter Firmo, chamando a atenção para a obra de Guimarães Rosa, devem despertar a curiosidade sobre ela, e - quem sabe - instigar a leitura de pessoas que, de outro modo, não se aventurariam a penetrar no universo do texto rosiano. É um livro bem vindo no momento em que se comemoram os 50 anos de *Sagarana* e os 40 de *Grande sertão: veredas* e de *Corpo de baile*.

Maria Célia de Moraes Leonel

Professora de Literatura Brasileira - UNESP/Araraquara.

MARGOLIS, Maxine L. *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York*. Trad. Luzia A. de Araújo e Talia Bugel. Campinas, Papyrus, 1994. 452p.

Quando a questão da emigração passa a ser objeto de estudo das ciências sociais, e particularmente da antropologia, surge oportunamente o trabalho da antropóloga americana Maxine L. Margolis sobre os brasileiros em Nova York, contribuindo assim para suprir a carência de estudos sobre este fluxo migratório, o qual tem suscitado inúmeras questões pelas suas dimensões e características.

O trabalho de Margolis não tem a pretensão de ser um estudo sobre a imigração brasileira para os Estados Unidos, mas de um caso particular: a presença brasileira na cidade de Nova York, que se tornou significativa e visível nos últimos anos.